

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis a entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 números, 26500 réis; Semestre ou 26 números, 13500 rs.; trimestre ou 13 números 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—17 DE DEZEMBRO DE 1882—N.º 43—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 números, 15000 réis; semestre ou 26 números, 8000 rs.; trimestre ou 13 números 2500 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

TEXTOS:—Actualidades, por Gervasio Lobato. As nossas gravuras, por P. C. O domingo dos bebés, por Vidigal Salgado. Historias do campo, por Monteiro Ramalho. Rosicler, por Jayme Victor. A exposição da Rua de S. Francisco, por Fialho d'Almeida. O commendador Mendoza, por D. João Valera.

ACTUALIDADES

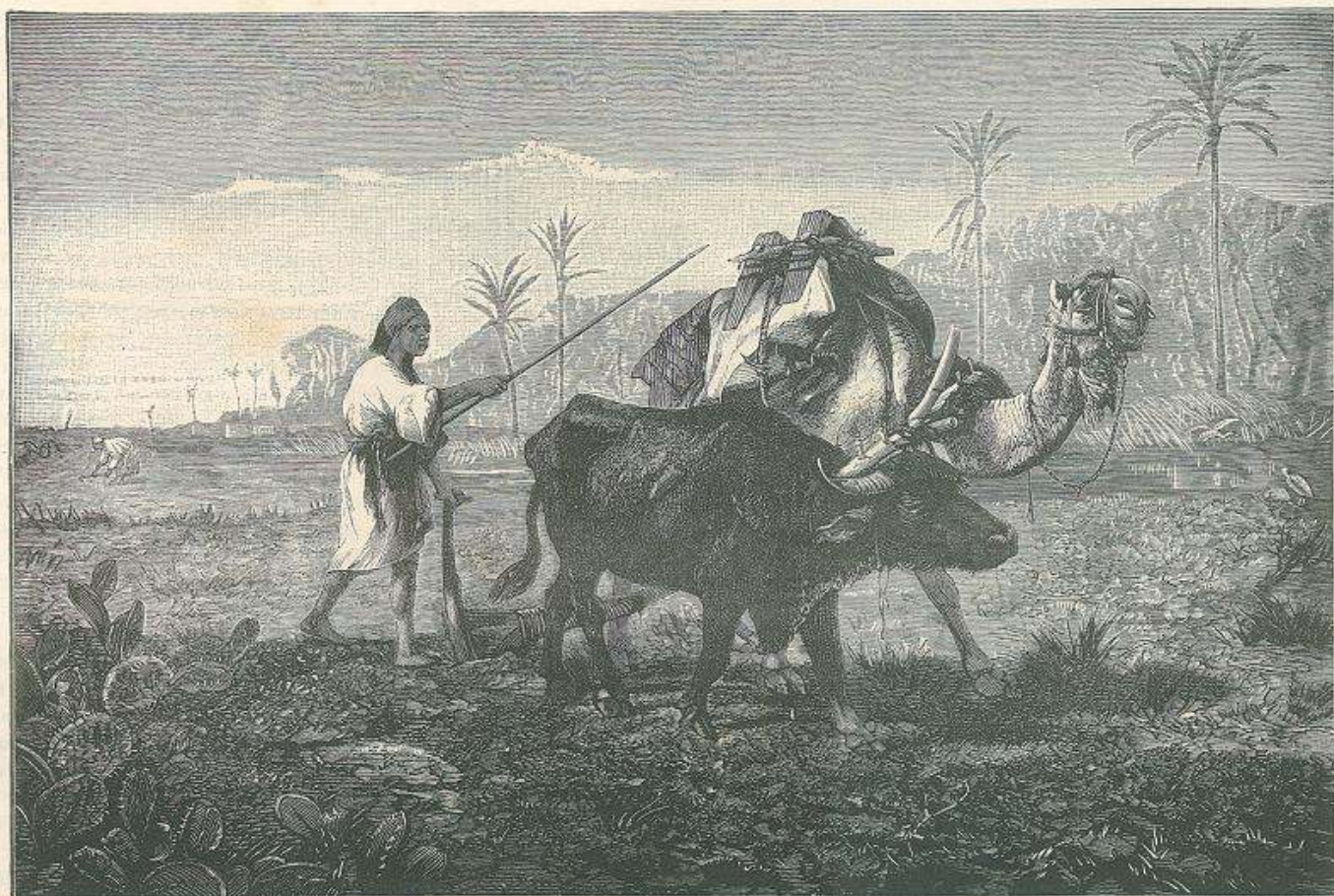
Guerra ao jogo! é o grito bellico que atrôa os ares desde a rua do Arco do Bandeira até á Povoá de Varzim.

casas de luxo, continua muito descansadamente, muito repimpadamente a constituir modo de vida, occupação lucrativa, posição social.

Eu creio piamente que as ordens do sr. ministro do reino foram dictadas por um nobilissimo pensa-

cido os despojos pelintras das batotas reles da baixa os jogadores que perdem n'uma noite dezesseis vintens, ou levam á gloria uma banca de tres pin-tos.

E entretanto toda a gente sabe que o jogo em Lis-



OS FELLAKS LAVRADORES

Eu não sei o que fez esse pobre diabo do jogo, para lhe quererem tanto mal!

Coitado? Elle que se se arrasta em patacos pelas espeluncas pobres da baixa, é perseguido, é atacado como um cão hydrophobo, é exposto á irrisão publica no tribunal da Boa Hora; e o seu irmão mais ricoasso que chove prata e ouro sobre o *tableau* da roleta nas

mento de justiça; mas ao descerem lá para baixo, para a esphera da realidade, deram uma cambalhota formidavel e transformaram-se na injustiça mais flagrante, n'aquella que tem duas caras, uma die carasco temível para os pobres, outra de serviço sabujo para os ricos e para os poderosos.

No tribunal da Boa Hora até hoje só tem appare-

boa não se limita a essas luctas bronzeeas de pataco.

A policia com esta sua predilecção pelas batotas baratas, faz um serviço enorme ás outras: obriga todos os pontos a mudar de freguezia, a deixar as casas pelintras onde o rei se nega, e o chefe de esquadra apparece sempre, para se refugiarem nas casas

ricas onde o zero apparece a miudo, mas onde tambem, doce compensação, o commissario se nega sempre.

De modo que depois da guerra ao jogo, não ha nada melhor em Lisboa do que ter casa d'elle... contanto, que não se acceitem paradas em cobre.

A respeito porem d'esta guerra santa emprehendida contra os cêrcos á dama, e os saltos ás quinas, eu tenho umas idéas muito differentes das dos nossos legisladores.

Elles entendem que a melhor maneira de exterminar esse vicio terrivel— vicio que em Lisboa não é vicio mas sim um modo de vida—é dar caça ás batotas e assentar os fundilhos dos jogadores pelos bancos sujos da Boa Hora.

Eu entendo que a melhor maneira de o combater era arrancar-lhe as sombras da illegalidade, e regulamental-o, fiscalisal-o, subjeital-o a leis especiaes.

Em primeiro logar parece-me perfeitamente imbecil o pensar que a policia pode impedir dois homens que querem jogar, de o fazer.

A bordo dos navios de guerra o jogo é prohibido. Pois os marinheiros arranjam maneira de jogar sempre, a toda a hora. Não teem cartas, jogam ás moscas. Juntam-se em redor d'um banco, marcam dois logares, e apostam em qual d'elles poisará primeiro uma mosca. A mosca vem, poisa, e o jogo está feito.

A policia pode prohibir os baralhos de cartas. Mas isso está provado já que não basta.

É preciso prohibir tambem as moscas.

Que as prohiba se faz favor?

Prohiba-as que é um favor a valer para toda a gente.

Está por ahí toda a gente a queixar-se dos impostos onerosissimos, da dureza das decimas.

Legalisem o jogo, lancem-lhe quantos impostos quizerem, que ninguém se atreverá a lamurias sobre a sorte infeliz d'um batoteiro, que tem de pagar rios d'ouro para ter aberta a sua espelunca, ou dos que tem que desferrolhar grossos cofres para matarem o seu vicio.

Parece-me até, sem de modo algum querer fazer com isto jus á pasta da fazenda, que a legalisação do jogo abria novos horisontes aos financeiros portuguezes.

Ojogose é um vicio nem por isso deixaria de existir, e então tanto melhor para o thesouro: se é simplesmente um negocio illicito, morreria logo, e então tanto melhor para a moralidade publica.

Ora eu do que me lembro do meu tempo de rapaz, o jogo em Lisboa é sobretudo um negocio.

A primeira vez que entrei n'uma roleta imaginei entrar n'uma caverna do vicio.

Affigurava-se-me encontrar os pallidos filhos da paixão, esquelidos, esgrenhados, de grandes olheiras fundas, a seguir com o olhar desvairado, febril, embaciado, os gyros da bola de marfim sobre a borda do fatidico alguidar do destino, e quando ella cahisse sobre o numero, ouvir os terriveis gritos de desespero, um estertor d'agonia que precede a bala que faz saltar os miolos, ou o nó que faz parar o sangue nas carotidas.

Não vi nada d'isso: vi uma duzia de cavalheiros, muito amaveis, muito delicados, muito risinhos, sentados em redor do taboleiro verde, tendo cada um na frente de si uma folha de papel em que iam assentando os numeros que sabiam; de vez em quando esses cavalheiros levantavam-se, arregimentavam um punhado de tostões pelo taboleiro abaixo e esperavam.

Se um d'esses numeros sabia, recebiam outro punhado de tostões e tornavam a sentar-se á espera que voltasse a serie.

Percebi então que ali não imperava o vicio: reinava o calculo frio dos mathematicos, e a escriptura complicada de uma casa de commercio.

O acaso é ali assaltado por todas as combinações da experiencia; os jogadores, obrigavam-n'o a ceder-lhes e quando elle era mais caprichoso, esperavam que lhe voltasse o bom humor, levantavam-se da banca e iam até uma saleta contigua comer as bolachas e beber o cognac com agua e assucar, que o dono da casa expunha como tentação aos seus cerebros, mas que nunca passava de ser um tonico para o estomago.

Lembra-me agora mesmo uma partida esplendida que no meu tempo se fez n'uma d'essas casas.

Os pontos effectivos não se contentavam em beber o cognac com assucar. Eram ainda mais previdentes e mais patriarchaes. Bebiam o seu cognac, e depois agarravam n'um papel, deitavam-lhe dentro assucar, faziam um embrulho e levavam-o para o chá da familia.

O Pinturas que n'esse tempo era um bohemio á Murger e que ainda hoje não despiu completamente esse fato, apesar de ter passado os trinta, teve um dia uma singular idea.

Entrou com um grande embrulho na albigueira; enquanto todos os pontos estavam a ver os primeiros golpes da roleta, dirigiu-se á casa do cognac, esteve lá só um pedaço e voltou para a sala.

No dia immediato, ao começar o jogo, os pontos do costume vieram entrando.

Vinham todos pallidos, abatidos, com olheiras fundas: então é que pareciam os verdadeiros filhos do vicio: mas não eram, eram filhos d'outra cousa como vão ver.

E todos elles cochichavam atrapalhados, afflictos.

—É exquisito, responde um, tambem eu, e minha mulher.

—E eu, gritava o outro, e a minha sogra. A minha sogra então...

—E os meus pequenos, toda a noite não pregámos olho.

—E eu!

—E eu!

—E eu!

E a todos tinha acontecido o mesmo.

—Se fosse no tempo da fructa não me admirava, disse o pagador da roleta, a quem aconteceu o mesmo.

—Isto é andação! Eu tambem... murmurou pallido o homem que dava a bola.

E não ponde continuar. Levantou-se verde balbuciando...

—Com licença, eu venho já.

O pagador muito atrapalhado pegou na caixa do dinheiro e tartamudeou vermelho:

—Eu tambem já volto.

Os pontos, de furta-côres, foram todos sabindo precipitadamente uns atraz dos outros, commentando.

—E' andação! E' andação!

O Pinturas puxava o bigode muito serio.

—Que demonio vem a ser isto? O que fizeste tu hontem?

—Deitei cem grammas de magnesia em pó dentro do assucareiro!

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

Os Fellahs Lavradores

E' o Egypto um paiz verdadeiramente estranho. Para produzir as fartas messes com que outrora occorreu ás necessidades do vasto imperio romano, com que hoje ainda occorre ás necessidades de uma parte da Europa, é necessario que o Nilo, transbordando, arraze tudo na sua carreira impetuosa, é necessario que o velho e mysterioso rio saia do seu leito, espraie as suas aguas por aquelle solo ingrato e inutil, e o transforme n'um terreno de uma fecundidade maravilhosa.

Para que depois se colha o proveito d'essa fecundação é necessario tambem que no Egypto uma raça especial, humilde e escrava, curva sempre ao jugo dos seus senhores, vá lavrando com os bois que d'antes nem sequer lhe pertenciam a terra fertilisada.

Foi essa raça humilde que erigiu outrora as pyramides e fez dos milhões dos seus ossos o cimento immortal d'esses monumentos tão grandiosos como inuteis, foi ella que trabalhou humildemente para que os Ptolomeus fizessem renascer em Alexandria as maravilhas da civilisação grega combinadas com as maravilhas da civilisação oriental, foram elles que regaram com o seu suor a terra que os vadios de Roma consideravam como o seu inexaurivel celeiro, foram elles que continuaram a lidar, sem ver nunca o proveito da sua lida, para que os califas deslumbassem o mundo com os esplendores das Mil e Uma Noites, para que os mamelukos alimentassem durante seculos a sua vaidosa e turbulenta ociosidade. Fazem-se reformas, o fellah nunca aproveita com ellas. Muda de destino o fructo dos seus suores, mas elle é que continúa a suar para os outros. Ninguém paga tributos senão elle, umas vezes para pagar o luxo de Ismail, e não pagar aos credores estrangeiros, outras vezes para saciar a sede da usura europeia, e deixar os empregados egypcios n'uma pelintrice merecida. Sobre elle sempre é que recae todo o peso das finanças egypcias.

Ultimamente lá lhe tem corrido as coisas um pouco melhor, e já ao menos lhe consentem que tenha animaes de lavoura que lhe pertençam, mas ainda e sempre, enquanto não penetrar seriamente no Egypto a civilisação europeia, o fellah ha de ser o eterno paria.

O Descanço

Pode applicar-se aos personagens d'esta gravura o ditado portuguez, que se exprime pouco mais ou menos por estas palavras: Para descansar britar pedra. O digno homem, que desempenha n'esta pequena scena o papel principal, andou toda a manhã na ceifa, acamando as espigas de trigo, debaixo de um sol ardente, sem parar um momento. Apenas soou meio-dia, veio até casa. Comeu o seu jantarinho, bem cosinhado por sua excellente mulher, que já está ao lado cuidando dos preparatorios da ceia. Elle, entretanto, apenas acabou de engulir o boca-

do, foi tratar da sua foice, que apanhou as suas bocas na faina incessante. Primeiro tratou elle da sua propria boca, agora vae tratar das bocas da foice, E elle ahí está empregando as horas do descanso n'esse trabalho indispensavel.

Agora vadio, *flaneur*, calaceiro é o visinho que vem de chapéu sobre a orelha, e cachimbo na boca dar trela ao casal. Vê-se-lhe mesmo no olhar agaiatado que está fazendo troça ao bom do trabalhador, que se sorri prazenteiramente sem abandonar a lida. Aquelle sugeito enquanto a nós é a serpente do paraizo, a fumar cachimbo. Toma varias incarnações a tentação, e, se no Paraizo Satanaz toma de um modo muito pouco habil a forma da serpente para obrigar Eva e Adão a comerem a fructa prohibida, agora toma a forma jovial de um bom visinho, que vem vêr se o novo Adão e a nova Eva tornam a desobedecer a Deus Nosso Senhor, que impoz ao homem e á mulher a lei do trabalho, e voltam a ser os mandriões de antes da queda. D'esta vez não pega!

A Vestal

Diz com toda a gravidade um escriptor francez a proposito das Vestaes:

«Quando o rei Numa Pompilio deu uma religião aos Romanos...

Este sugeito imagina que se dá uma religião a um povo, como quem lhe dá um código de posturas municipaes, e que se nomeia um deus, como quem nomeia um governador civil.

Numa Pompilio por consequente, sigámos a versão do homem, deu uma religião aos Romanos. Essa religião fôra combinada por elle com a *nympha Egeria* n'um bosque onde se encontravam para tratar de legislação. Era á beira de uma fonte que elles cavagueavam n'estes graves assumptos, e foi d'ahi que resultou provavelmente o assemelhar-se muitas vezes—em paizes muito distantes dos nossos—a discussão das leis ás discussões dos chafarizes.

N'uma d'essas sabias conferencias deliberaram pois os dois collaboradores que a deusa protectora de Roma seria a deusa Vesta, que á essa deusa se consagraria uma pyra—como quem diz um fogareiro—e que na sobredita pyra se conservaria eternamente acceso um lume regalado, onde se podessem a toda a hora da noite e do dia fazer as torradas ou aquecer o chá dos sacerdotes. Se alguém me estranhar esta predivinhação do chá, observarei que a *nympha Egeria* era deusa e que está hoje provado triumphantemente que o nectar e ambrosia do Olympo eram simplesmente o chá e bolos com que os simples mortaes se delectam hoje nas *soirées* de familia. Se os deuses não andassem mais adiantados do que os homens, para que diabo lhes servia ser deuses?

Resolvido que houvesse lume a toda a hora, determinaram os dois sabios legisladores, que se incumbiam de prégar á humanidade as mais reverendas patranhas, que se mettesse na cabeça dos Romanos que, no dia em que se apagasse o lume, se apagaria Roma também. Mas quem se havia de encarregar de manter a pyra sempre em boas condições? Um corpo de vestaes, que deveriam ser puras como as estrellas, porque no dia em que ellas se deixassem abraçar pelo fogo da sensualidade, corria muito perigo o outro fogo de ser desprezado e extinto. Ou amor ou fogareiro, diziam os legisladores com perfeita razão.

As vestaes pois tiveram obrigação de conservar a um tempo o lume acceso e os sentidos apagados. A sua divisa era: Castidade e abano. Se alguma por des-

cuido deixava apagar o lume apanhava uma doze de varadas, se alguma por acaso também deixava acender o coração, succedia-lhe coisa peor—era lapidada, ou enterrada viva. Não eram para brincadeiras os Romanos, segundo se vê. O catholicismo é muito mais transigente. Haja vista as vestaes de Odivellas.

Este regimen severo tinha as suas compensações: No theatro e nas outras ceremonias as vestaes tinham logares de honra. Estavam escravos ao seu serviço. Quando saíam á rua iam lictores adiante d'ellas.

Estamos convencidos porém que as pobres vestaes prefeririam menos honras e mais namoro.

Havia n'esta legislação uma perfeita ironia. As vestaes eram obrigadas a fazer serviço por trinta annos. Escolhidas em tenra idade nas primeiras familias, podiam começar a desempenhar as suas funções aos dez annos, e até mais cedo. No fim de trinta annos, soltavam-n'as e diziam: Podem casar agora. E aqui ia uma vestal de quarenta annos procurar sua vida em Roma. Não sabemos se havia na grande cidade muitos apaixonados, que se lembrassem de colher as primicias um pouco tardias d'aquellas almas virginaes e quarentonas. Se os havia, isso provará mais uma vez que aquelle povo heroico era incapaz de recuar diante de um sacrificio de qualquer ordem.

Esta vestal que a nossa gravura representa não é de modo algum uma vestal reformada. Tem a belleza estranha e selvagem de uma virgem sagrada e esquiva; mas nos seus olhos luminosos e profundos lêem-se ignotas tentações, e sente-se que, se alguém despertar n'aquella alma virginal e ardente as tempestades de paixão, que n'esse olhar se revelam, nem a perspectiva da lapidação, nem a do enterro em vida impedirão a catastrophe. E afinal de contas sempre haveria catastrophe?

Hum! Cicero dizia que dois augures romanos não podiam olhar um para o outro sem se rirem. Quem sabe lá o que se passaria, impunemente, nos recessos mysteriosos do templo de Vesta? Isto em paiz que tem Odivellas na sua historia, desconfia sempre muito d'estas *vestalidades* officiaes.

As Mumias Egypticas

Apezar das nossas ufancias de progresso, ainda não chegámos em algumas coisas a attingir á perfeição a que subiram não só os povos de Roma e da Grecia, mas até os mesmos povos do Oriente. Qual é o embalsamador que sabe hoje conservar um cadaver como o sabiam conservar os antigos Egypticos? As mumias, que ainda a cada instante se encontram, e que nos dão o espectáculo estranho de uma quasi resurreição de gerações extintas, continuam a guardar completamente o seu segredo.

A mumificação dos corpos era indispensavel no Egypto. Não podiam enterrar os corpos porque as cheias do Nilo revolviavam o terreno e traziam á superficie os cadaveres inhumados, não os podiam queimar porque n'esse paiz não abundava a madeira, e, se os conservavam sem serem enterrados, produziam com os grandes calores miasmas intoleraveis. A necessidade é sempre a mãe do progresso, e os Egypticos chegaram a verdadeiro prodigio de mumificação. Praticavam incisões no corpo, tiravam as visceras, e depois de as limparem e prepararem, tornavam-n'as a metter nas cavidades, que enchiam ao mesmo tempo de aromas pulverisados. Depois salgavam o corpo e envolviam-n'o em faixas besuntadas de gomma. A's vezes punham no rosto do cadaver um veu finissimo ou uma mascara de cartão co-

orido. Encerrava-se depois o cadaver n'um caixão que desenhava a forma humana, e o caixão ou ficava nas habitações das familias, ou iam para sepulturas publicas, uma especie de capellas sepulchraes subterraneas. Os cadaveres dos pharaós esses repousavam nas pyramides, ou em galerias opulentamente ornamentadas, abertas na cordilheira lybica. Foi n'uma d'essas galerias subterraneas que se descobriu recentemente a mumia de Amen-Hotep I, rei que pertence á XVIII dynastia. Esta mumia está representada na nossa gravura, dentro do caixão e fóra do caixão.

Apezar da frequencia da appareição d'esses cadaveres, deve produzir sempre uma impressão estranha a volta á superficie do solo d'esses pharaós, que ha tantos seculos dormem tranquilos nas profundidades sepulchraes d'essa terra tão revolvida pelos acontecimentos politicos, e que voltam a contemplar com os seus olhos sem luz, com esses olhos que parecem de porcelana, o céu, o sol, o Nilo, esses imensos areiaes, onde se levantam ainda, na sua perpetuidade inepta, essas pyramides que elles erigiram e cimentaram com o suor e o sangue dos seus miserios subditos.

Que dirá Amen-Hotep I de Teufik-pachá, de Arabi e de lord Dufferin? Quando entrou no museu onde se enfileiram as mumias de tantos pharaós, que pela primeira vez se encontram ao lado uns dos outros á luz do sol do Egypto, o que pensaria elle de tão estranho acontecimento? Pensou provavelmente que se dormia muito melhor no seio das montanhas lybicas, do que n'essas galerias, onde a sua magestade está exposta á curiosidade indiscreta d'esses habaques europeus.

P. C.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

O DIA E A NOITE

(IMITAÇÃO)

Eduardo — No fim de contas o exemplo do lume girando em torno da gallinha não teve applicação.

Thomé — Estás enganado: nunca veio tão a proposito.

Se o sol, que dista de nós 30.400.000 leguas, tivesse de fazer em cada dia um giro completo em roda da terra, sabes que distancia tinha de percorrer em cada minuto? mais de 80.000 leguas! Mas ainda não é tudo. As estrellas, das quaes havemos de falar, acham-se immensamente mais afastadas de nós do que o sol. A que se acha mais proxima da terra, esta, pouco mais ou menos, 30.000 vezes mais distante do que o sol; segue-se portanto que, para que essa estrella podesse fazer uma revolução completa em torno do nosso globo durante 24 horas, teria de percorrer em cada minuto 30.000 vezes 80.000 leguas! O que aconteceria então a outras estrellas, com vezes, mil vezes, um milhão de vezes mais afastadas, para poderem effectuar um giro completo dentro de 24 horas? Depois lembra-te do volume prodigioso do sol. Pois querias, porventura, que elle, o gigante, o astro colossal, relativamente ao qual o nosso globo é um torrãozinho de terra, gire no espaço immenso com uma velocidade inconcebivel, para nos dar a luz e o calor? Pretendes, acaso, que milhares e milhares de estrellas, que são outros tantos sóes como elle e incomparavelmente mais afastados, executem com velocidade cada vez maior, segundo a distancia, um giro prodigioso em torno da modesta esphera terrestre? Não podia ser! Isso seria um me-

chanismo contrario a todas as leis da razão. Admitti-o valia o mesmo do que fazer girar o braseiro em torno da ave no espêto.

Eduardo—Visto isso, é a terra que se move, e nós juntamente com ella. É então por causa d'este movimento que o sol, as estrellas e todos os outros astros

si, vae apresentando successivamente as suas diferentes faces aos raios do sol.

Eduardo—Gira em roda de si como um pião.

Thomé—Tal qual; mas além de completar um giro sobre si mesma em vinte e quatro horas, vae executando ao mesmo tempo uma volta, uma revolução,

Quando se atira o pião, sabes melhor do que eu que descreve um circulo no terreno, movendo-se ao mesmo tempo sobre si mesmo? Pois em ponto pequeno reproduz exactamente os dois movimentos da terra. O movimento executado sobre o ferrão representa a rotação da terra sobre si mesma, e o circulo



O DESCANÇO

parecem mover-se em sentido contrario, como acontece com as arvores e as casas quando viajamos em caminho de ferro.

De maneira que o parecer-nos que o sol anda em roda da terra, do oriente para o occidente, é a prova de que a terra se move do occidente para o oriente.

Thomé—Exactamente. A terra movendo-se sobre

em torno do sol, na qual gasta um anno. Pelo que vejo sabes jogar o pião?

Eduardo—Não se lembra d'aquelle que o tio me deu na feira de Belem?

Thomé—Pois, meu amigo, o pião é um exemplo excellente dos dois movimentos executados ao mesmo tempo pela terra.

lo descripto no terreno o movimento em roda do sol.

O primeiro movimento chama-se de *rotação*; e o movimento em torno do sol, de *translação*.

Estes dois movimentos ainda se pôdem figurar d'outro modo: colloca no centro de uma meza redonda uma luz que represente ao sol; gira depois em

roda da meza, mas voltando ao mesmo tempo sobre ti mesmo.

Eduardo—Quer dizer que a terra valsa em roda do sol?

Thomé—Nem mais nem menos. Cada passo da valsa corresponde a um giro da terra sobre si, e ca-

ferentes regiões aos raios do sol. Quando é dia na região que está voltada para o sol, é noite na região opposta; e assim se explica a causa dos dias e noites.

Em 24 horas tem a terra executado um giro sobre si mesma; é d'estas 24 horas que se compõe o dia e a respectiva noite. Entendeste?

vamente cada uma das suas faces ao calor do lume. Quando é dia para a metade da gallinha que está voltada para o lume, é noite para a outra metade.

Thomé—A comparação é extravagante, mas exacta.

Eduardo—Mas não percebo uma cousa. Girando a terra sobre si mesma em 24 horas e acompanhando



A VESTAL

da volta completa em roda da meza a uma revolução em torno do sol.

No movimento sobre ti mesmo, valsando, vaes expondo successivamente aos raios da luz: primeiro a frente, depois o flanco, em seguida as costas, o outro flanco, e por fim outra vez a frente; pois a terra faz o mesmo, vaes expondo successivamente as suas dif-

Eduardo—Não tem nada que entender. Quando é dia na parte da terra que está voltada para o sol, será noite na região opposta. Ora, como a terra se move constantemente, cada região vem collocar-se por sua vez em frente do sol, em quanto as outras estão na parte não illuminada. E' o que acontece com a gallinha no espêto, que vaes apresentando successi-

do nós esse movimento, devemos durante metade d'esse tempo, achar-nos n'uma posição opposta á primeira; quero dizer: se primeiramente estavamos com a cabeça para cima, doze horas depois devemos achar-nos com ella para baixo. Para a gente não cahir, parece que se devia agarrar ao terreno com unhas e dentes

Thomé—Não ha duvida de que durante doze horas nos achamos n'uma posição contraria á anterior; no entanto não corremos risco de sermos precipitados, porque devemos de conservar sempre os pés apoiados no solo e a cabeça para a parte superior, isto é, para o lado do céu, porque o céu cerca o globo por toda a parte. Entende uma vez por todas: cahirmos é precipitar-nos para a terra e não para o espaço. Ora como nós, apesar da rotação do globo, conservamos sempre os pés fixos ao solo e a cabeça para o lado do céu, segue-se que permanecemos constantemente de pé e portanto não ha perigo de cahirmos.

Eduardo—E a terra gira muito depressa?

Thomé—Em 24 horas effectua uma revolução completa sobre si. Os pontos da parte media da terra, que são os que executam um giro maior, descrevem durante esse tempo um circulo de 40 milhões de metros; isto é, mais de 3 leguas por minuto. E' uma velocidade proximamente igual á d'uma bala d'artilheira ao sair da boca da peça.

Montanhas, planicies, mares, rios, tudo gira incessantemente com esta prodigiosa velocidade.

Eduardo—Mas parece que está parada.

Thomé—E quando n'uma carruagem do caminho de ferro somos transportados com uma grande velocidade, não julgariamos estar parados, se não fosse o horizonte variar a cada instante? Pois é o que acontece com a terra.

Eduardo—Então se subirmos n'um balão devemos ver o globo girar por baixo de nós. Vae a gente vendo os mares, as ilhas, as florestas, as montanhas... o mundo todo! não é verdade? Hade ser lindo! E então que viagem tão descaçada! Depois, quando passar o paiz que habitamos, zaz!... faz-se descer o balão e apeamo-nos.

Thomé—Era bem bom, era. Ver o mundo em 24 horas sem mexer um pé era uma pechincha. E' bem lembrado, mas tem um contra: é não ser possível. Vamos adiante. Em consequencia da rotação da terra, no lugar em que agora estamos, á sombra d'estes freixos, virão passar outros paizes, outras populações: mares, regiões longinquoas, montanhas cobertas de gelo, rios caudalosos, virão por sua vez occupar este lugar e amanhã por estas horas estaremos de novo aqui. N'este mesmo ponto, onde agora estamos conversando, passará em menos d'um segundo o sombrio Atlantico que substituirá pelas nossas vozes o rouco bruido das suas aguas.

Se subirmos n'um balão, presenciaremos a rotação, dizes tu, presenciariamos a rotação do globo e veremos passar a nossos pés os mares e os continentes. Não. Não, por que a atmospheria move-se juntamente com o globo, arrastando comsigo o balão, em vez de o deixar estacionario, como convinha, para que aos olhos do espectador se fossem successivamente mostrando as diversas regiões da terra.

VÍDIGAL SALGADO

HISTORIAS DO CAMPO

V

O CÃO

A noite ia já entrada, e o José caminhando apressado pelas tortuosas veredas através dos campos desertos, não estava nada contente de se vêr ainda longe da aldeia. Fazia um luar crystalino, sereno e puro, que era como um luminoso espelhamento do eu alvo e leitoso sobre toda a natureza montanho-

sa e obscura, a espaços manchada negramente de sombras immensas; uma dóce paz dominava tudo harmoniosamente, fazendo sorrir de prazer lá nas fulgurantes alturas a alegre lua opalina; e os grilhos, os pequeninos musicos notivagos, cantavam estridulosamente por toda a parte, embriagados da mysteriosa luz romanesca e languorosa, ao mesmo tempo que os sapos sombrios soltavam assobios lentos, gravemente cadenciados. Entretanto, o José, andando sempre, ia entretidamente fallando comsigo mesmo dos seus negocios intrincados, discutindo em surdina, gesticulando largamente e a proposito, e dando frequentemente, na sua laboriosa distracção, grossas passadas echoantes, que lhe desmanchavam o corpo valente n'um solavanco.

Subitamente, um passageiro rindo causou-lhe um sobresalto invencível, e interrompendo a sua carreira atabalhoada, o José, receioso, poz-se a olhar gravemente para todos os lados, temendo surpresas nocturnas, ou magicas aventuras de espiritos malevolos, tenebrosos; mas tudo agora estava silencioso; as arvores ataviavam-se sentimentalmente de luar morbido e amoroso; o ar era calmo e quente, e um grillo, bem perto, desfazia-se com gosto em tremulos gritinhos sonoros. Continuava, portanto, o José a caminhar, e a scismar pensativo na sua vida, quando por acaso uma idea amedrontadora lhe atravessou friamente a cabeça:—que não é bom fallar só; porque é fallar com o diabo.

E isto deu-lhe logo um medo arripiante, ao mesmo tempo que um diabolico sapo agoureiro, começou a assobiar dócemente. Mas o peor era ter elle ainda de passar n'uma encruzilhada inevitavel, que já avistava ao longe, areenta, branquejante de luz. Era mal afamada, e mesmo certas pessoas caridosas e piedosas tinham lá mandado pôr uma grossa pedra, aprumada e alta, em cujo topo sorridentes alminhas de óca emergiam de chammias rubras, purgatorias; ao que o pintor imaginoso, em momentos de extravagança genial, accrescentára um terrível diabo negro, que ao fundo mordida a cauda ferozmente. Quando o José, tremulo de maus presagios; chegou justamente ao pé das alminhas abraçadas, tirou-lhes humildemente o seu chapéu, como era de reverente costume; mas quiz-lhe parecer que o farçola do diabo, sobre quem cahia um raiosinho isolado de luar, deteve bruscamente as suas mordeduras eternas, e arreganhou-lhe os dentes enormes, dilatando as orbitas medonhamente.

Então, o José sentiu-se sacudido por um aspero estremecimento de terror, mas para provar a si proprio que era um homem corajoso, abrandou o passo e foi atravessando vagarosamente a encruzilhada traiçoeira, povoada de pavorosas lendas. Não tardou muito que soffresse o effeito natural do seu arrojo desastrado e provocante; um frio mordente gelou-lhe as pernas, impedindo-lhe a marcha arrogante; ouviu um silvo agudo de serpente infernal occulta, e como alguma cousa se lhe enroscasse aos tornozellos, prendendo-os e ferindo-os, elle curvou-se desesperadamente para desfazer os impalpaveis laços fataes,—e viu então, adiante de si, um vapor esbranquiçado e de repulsivo odor, que lentamente se foi transformando n'um cão gigantesco. N'isto eriçaram-se ao pobre José os cabellos gotejantes, e mal pôde balbuciar—«passa fóra!»; e o aereo cão rosnou surdamente. Lembrou-se depois de gritar—«credo!»; e d'essa vez o canzárrão torceu-se anciosamente, desmanchou-se em farrapos, rarefez-se, e sumiu-se de todo no ar calmo e quente.

Mas ao longe um cão uivou sinistramente, e o José, com todo o corpo alagado d'um frio suor, hor-

rorisado, sem tino, largou a correr cegamente para a aldeia, estremeendo sempre aos aspectos luminosos do luar, que por toda a parte pousava como uma immensa mortalha espectral.

III

O MAGUSTO

Observando festivamente o uso aldeão, no dia primeiro do frio novembro, tres irmãos foram ao seu soute distante, perdido n'um monte entre pinheirões cerrados, e trataram alegremente de fazer o seu magusto. O mais velho apanhou as raras castanhas cahidas dos ouriços ainda avaros, pouco abertos; o outro accendeu uma grande fogueira de fetos secos, debaixo d'uma lapa protectora; e o mais novo sentou-se a descansar, preguiçosamente, sob o franduloso pretexto de já ter trazido de casa o bom vinho novo, furtado habilmente do tonel paterno, e que havia de tornar divino o regalo das bellas castanhas meticulosamente assadas.

Em breve começaram a subir nuvens azuladas de fumo por entre as espessas ramarias dos castanheiros collosaes e de possantes frondes, e na fogueira intensa as castanhas davam de vez em quando estouros surdos, martyrisadas; ao mesmo tempo que os tres irmãos, para mais regaladamente esperarem, desenvolveram as provocantes cabaças, e foram provando a bella pinga. Depois, quando as castanhas estavam já promptas e appetitosas, os tres valentes entregaram-se resolutamente a uma labuta formidavel, pantagruelica, e era para vêr como batalhões cerrados de graúdas castanhas se sumiam rapidamente nos hiantes abysmos das suas bocas insaciaveis, violentamente envolvidos em catadupas violentas.

Comiam soffregamente as deliciosas castanhas acerejadas, farinhentas, que de alimento pesado e grosseiro tinham-se tornado um finissimo bocado no magusto fraternal; e tão repetidamente se regavam de interminaveis libações do vinho novo, sabroso e coceguento, que dentro em pouco as cabaças gordas declararam-se estereis, deixando de escorrer o roxo succo justamente quando os pandegos tres irmãos se começavam a animar d'uma louca embriaguez, rindo e gritando ruidosamente, e ensaiando arriscados passos de dança alli improvisada, que lhes proporcionava quedas sem conto, retumbantes.

Mas a tarde ia morrendo. No dorso aspero da serra fronteira só restava já um ultimo clarão vermelho e vaporoso do sol poente; uma manada extravagante de nuvens esfarrapadas andava serenamente pelo azul, passeiando as suas pompas tragicas de sangue e ouro; enquanto que para o oriente, onde a sombra vagamente se gerava, algumas nuvens leves tomavam suaves apparencias de condensações de perolas, voejando magicamente. Então, os tres irmãos, afogados, nos vapores turbulentos do vinho, poderam ainda perceber que eram horas de recolherem a casa; e todos juntos, braços mutuamente passados por sobre os hombros, cambaleando, vieram em tropel pelos caminhos abaixo cantando expansivamente as alegrias do magusto.

MONTEIRO RAMALHO.

ROSICLER

A AGUIA E O MOCHO

(De Lafontaine)

A PINHEIRO CHAGAS

Um dia a aguiá disse ao mocho em ternas phrases—
—O que lá vae lá vae; é bom pormos-lhe ponto
E fazermos as pazes—
—Eu cá por mim estou prompto—
Respondou elle, e os dois juraram abraçados
Respeitar um do outro os filhinhos amados.
—Conheces já os meus?—Perguntou elle triste.
—Não—respondou a aguiá e a ave da sciencia
Disse—Tanto peor. Se nada te resiste
Como hão de, dize lá, contar os meus filhinhos
Com a tua clemencia?
Não lhes queria estar na pelle, coitadinhos.
Não, não me fio em ti porque és rainha, e os reis
Sabem agora lá para que são as leis
Vocês fazem o mal por um capricho reles
Filhos do meu amor, se acaso os vês, aí d'elles!—
—Bem. Pinta-m'os então e escusas de ter medo,
Que eu te prometto aqui não lhes tocar com um dedo—
O mocho respondeu—Aqui tens os signaes:
São muito pequenitos
Mimosos como a flor, esveltos e bonitos
Como não achas mais.
Tão bem feitos, tão bellos
Que por este retrato hasde reconhecê-los.
Falta-me agora ver se tu és descuidada
E me entra ahí por casa a Pareia amaldiçoada.
Hão de agradecer-te, sei, mas faze a vista grossa
E respeita-os por mim,
Bem sabes que sou pae e que os paes são assim.
Ai! Quem meus filhinhos beija a minha boca adoça!

Deus dera prole ao mocho; e em noite desabrada
Que elle batia matto a agenciá a vida.
A aguiá andando a corso avista de repente
N'uns velhos casarões todos esburacados
Uns monstrosinhos taes de voz tão repellente
Tão mal feitos de corpo e tão desengraçados.
Que ella disse consigo:
Não ha que recear; não são do nosso amigo.
E com um gesto guapo,
A rainha gentil logo os mettu no papo.

Mas vem de volta o mocho, o mocho, que imagina
Ficar ali de vez
Ao achar, pobre pae! dos filhinhos só os pés.
Queixa se, chora e pede aos deuses punição
Para ella, a assassina,
Que assim lhe veio encher de luto o coração...
—É tua a culpa, alguém então lhe disse, ou antes
É da lei que nos faz achar os similhantes
A nós, só porque o são, amáveis, lindos, bellos.
Por isso os filhinhos nós perdemos, nós os paes;
Se fizeste dos teus uns elogios taes,
Como podia, dize, a aguiá reconhecê-los?

JAYME VICTOR.

A EXPOSIÇÃO DA RUA DE S. FRANCISCO

(NOTAS DE UM TOURISTE)

Fromentin, esse sabio da critica artistica, vindo á pequena exposição de pintura da Rua de S. Francisco, não acharia com que escrever um livro, e menos ainda com que architecturar uma escola d'arte. Mesmo exigente e austero como era porém, com a fina sagacidade dos seus olhos passeiados por todos os prodigios da palleta nas novas e velhas artes, em todos os museus do mundo e salões de amadores, aquelle maravilhoso interprete da arte mais pura, aquelle dinamizador da sensação optica mais refinada e intima, talvez achasse no pequenino *salon* d'este anno, qualidades, traços, modos de sentir e ver, que o não fariam partir descontente.

Foi no anno passado que sete ou oito paysagistas quasi imberbes e pela maior parte inexperientes na profissão, determinaram saacudir um pouco a somnolencia publica, tão completa em pintura como no mais, a ver se era possível despertar em plena Baixa Commercial e diabetica, um pouco o gosto pelas artes, até agora sómente revellado em caramanchéis de ripa nos quintalorios d'amanuense, em vestidinhos de senhora mediocore, e walsas ou devaneios chismados com o nome de quantos palhaços e acrobatas vem trabalhar a Lisboa pelo inverno. A exposição colleccionada por elles na *Sociedade de Geographia*, descripta e festejada pelos jornaes do tempo e aquisições de amadores, animou a valorosa phalange a emprehendimentos novos, onde um ardor perpassa e um vasto progresso se annuncia.

Hoje, ante essa segunda prova publica, já se pode afirmar que serão illustres alguns d'esses jovens pintores. A paysagem, genero quasi exclusivo da primeira vez, o que junto a uma tal ou qual analogia de debutantes na maneira de pintar, torna-vae de ser o genero inteiramente preferido, e figuras timidas aqui e além, mal equilibradas talvez, ou balbuciando n'uma hesitação ainda, começam a apparecer, a vicer, a animar a scena, o que faz na verdade uma valiosa promessa para d'aqui a tempo. São em menor numero, este anno, os artistas que expõem. Ramalho, indolente que ama saturar-se de impressões, variando nos seus aspectos a contemplação das coisas que o inspiram ou ferem antes de realizar um quadro—Ramalho não enviou de Paris uma mancha sequer. A capital do mundo parece havel-o fascinado de veras; quem dirá que o seu mutismo não seja signal d'alguuma violenta gestação de artista? Columbano da mesma forma, nada nos deu da sua factura ultima, pois são antigos os quadros que assigna.

Temos pois Silva Porto, rei-sol n'essa pequena corte de coloristas; Malhoa, Vaz, Gyrão, Vieira, Pinto, Christino e Martins.

E pois que os temos em proscenio, queiram fazer-lhes uma ovação.

Como roteiro n'essa galante viagem pelas paredes do salão de pintura, fez o Alberto d'Oliveira um catalogo *bijou*, assetinado, illuminado com desenhos, fresco como a ceará verde, e alegre como a gaiola do canario. Não temos á mão o pequenino livro, eis porque iremos um pouco ao acaso, n'esta peregrinação hilariante, de mancha em mancha e phantasia em phantasia. De Silva Porto, está o juizo estabelecido.

Os jornaes não fazem ha uns puros d'annos senão applaudir-lhe o talento profundo e calmo, um pouco triste como a sua face e a sua palestra. Nunca uma obra disse melhor do caracter e estado de saude de um artista, que estas paysagens e estudos de Silva Porto. Conhecem-no sem duvida, hein? Hão de tel-o visto passar com os seus hombros estreitos, os olhos descidos, uma pequena barba em caudal de pombo. Dá a impressão de quem vae apouquentado, pedir espera d'uma velha conta. Conversado, couve; apenas, no receio de parecer monotono, se lhe obtem esta palavra ou aquella, n'uma voz de collegial que não soube a lição. O certo porém é que ninguém melhor a conhece que elle. Esse espirito concentrado irisa-se todo de sagacidades singulares; e contemplativo prefere os contos de natureza onde tudo seja quieto, pouco passeado, de uma cor socegada e de uma solidão quasi casta. Em viagem de

paysagista elle atravessa os vales que o sol innunda em azagaias de oito, e onde o verde corre a gamma movimentada que vae do bronze e verde cobre, á esmeralda, vista contra a luz. E não lhe fascinam a palleta, estas sardanapalicas de côr. A resoada d'essa alegria das tintas cruas, contrastantes, espectaculosas, não lhe attrahe o espirito cheio de recato mosteiral: evita-as, como estas honestas mulheres que julgam os vestidos claros uma meia prostituição. Eis porque não pára n'essas viagens, ante as grandes kermesses de colorido, aguas em plena tremulina de sol, grandes mosaicos de prado com todos as côres elementares do espectro e seus milhares de *nuances* e prefere os contos solitarios do rio, uma aberta entre serras hirsutas de matagal e esqueleticas de penedia; pequeninas scenas penetradas de simpleza primeva e rude, o drama da herva nova assimilando o cadaver da velha, ondas arcando contra um trecho da penedia, lavandeiras batendo roupa á sombra d'aquella ponte, a ondulação das latadas por cima dos muros da horta minhota, barcos na areia, enfim tudo aquillo que representar um soffrimento que não sabe queixar-se, uma emoção que procura esconder-se, força latente e obscura, ignorada tristeza, ou felicidade mysteriosa. Esta arte não mira effeitos apparatusos, *fielles* brilhantes, como não pretende captar o olho hontentote do bello homem gordo susceptivel de comprar.

Destaco dos quadros que Silva Porto expõe alguns maravilhosos bocados—o quadro de vacas adquirido por D. Fernando, o barco na areia adquirido pelo sr. Ulrich, um canto do Douro com paysagem de matto e céus cobertos de nuvens, etc. As vacas sobretudo. Uma d'ellas, amarella, vista por traz, é admiravelmente desenhada e pintada. Das outras duas, malhadas de preto e branco, prefixo a que se vê de pé, um pouco de lado, sobre o escuro godronoso do estabulo. O velho Annunciação que era um taciturno tambem, não pintou nada melhor, na sua carreira de talento quasi ignorado. Oh, como se deve ser bom, condescendente, piedoso, emocio-navel, para assim tractar os animaes e as plantas! Render culto a um grande homem, adorar uma creança, fazer viver em retrato uma mulher, eis boas qualidades tornadas vulgares pela educação; tarde ou cedo nol-as pagam em dinheiro ou serviços eguaes.

Mas interpretar pela tinta a vida d'um pequenino ser, hervagem ou animal, sondar-lhe character, temperamento, paixões, tristezas, doença e morte, desinteressadamente, á luz d'um fogo prophético e intimo, por uma especie de abnegação, e culto á justiça e á verdade—mui raro, não é assim? Theophilo Gauthier, attrahido pela pintura de não sei qual paysagista e pelos assumptos especiees que este preferia, quiz um dia saber porque impulso interior, o artista era levado á escolha sempre profunda e admiravel dos seus modelos.

—Simples, disse-lhe o pintor. Tomo a minha bagagem, metto-me pelos campos, ando, ando—em ouvindo rans, páro. E' ahí.

Se fizesse a mesma pergunta a Silva Porto, ouvir-lhe-hia responder por certo:

—Não sei bem. E' conforme. Mas vou por ahí fóra evitando os caminhos, as casaz, o ruido e a pompa. Onde não houver rumor d'asas ou de vozes, nem sombra de ostentaculo, nem traços de caminheiro, nem pretensões de grandiosidade, echos de risos ou semblante de festas, armo o cavalete—é ahí.

(Continua).

FIALHO DE ALMEIDA.

O COMMENDADOR MENDOZA

POR

D. JOÃO VALERA

(Continuação)

Alem d'isso, ama e creada guardando sempre cada qual a sua posição e logar na hierarchia social, identificaram-se por tal forma, que dir-se-hia haver n'ellas uma só vontade, os mesmos pensamentos, os mesmos propositos.

Tudo era a ordem, methodo e arranjo n'aquella casa. Quasi se não gastava em comida, porque ama e creada comiam pouquissimo. Um vestido, uma saia, uma vasquinha, qualquer outro objecto durava annos e annos sobre o corpo da tia Ramoncica ou guardado no armario. Depois ainda em bom uso, passava a ser propriedade de Raphaela.

Os moveis eram sempre os mesmos, e conservavam-se como por encanto, que sem lustro, uma limpeza, que faziam gosto.

Com tal modo de viver a tia Ramoncica, ainda que não tivesse senão escassos rendimentos, só gastava uma terça parte. Ia pois accumulando, entesourando, e breve ganhou fama de rica. Apesar d'isso nun-

ha partido a cabeça terceira vez, tinha ferido o peito com umas thesouras, tinha queimado a mão e deslucado um braço; mas de todos estes reveses sahia finalmente são e salvo, graças á sua robustez e aos cuidados da tia Victoria, que dizia maravilhada e a benzer-se: — Ai, filho da minha alma, para grandes coizes te quer reservar Deus, porque vives por milagre e não morres.

III

Casimiro tinha mais tres annos de idade do que D. Fadrique e era tambem mais grosso e alto. Exasperado de se ver sempre vencido como capitão, quiz medir-se com D. Fadrique em combate singular. Bateram-se a soco e á lucta, e o pobre Casimirito sahio amachucado e espesinhado, não obstante a sua superioridade apparente.

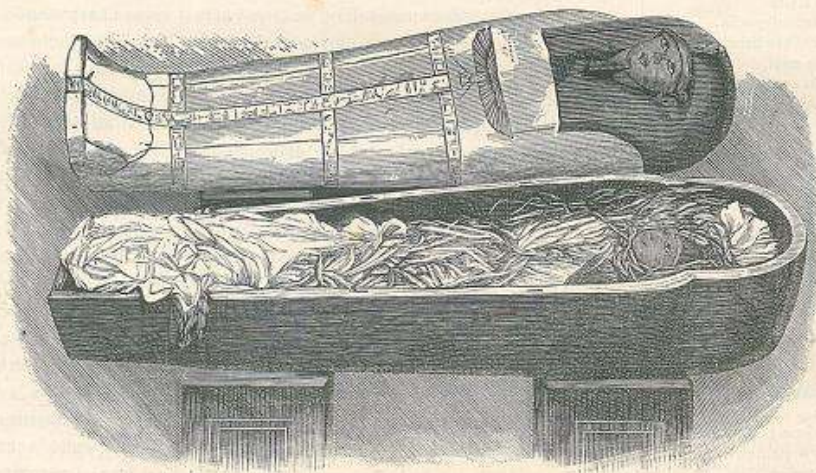
Os frades dominicos da terra nunca foram afeiçoados á familia dos Mendozas apesar da summa piedade das tias Victoria e Ramoncica e da devoção humilde de D. José, não podiam tragar D. Diogo e mostravam-se escandalizados com os desaforos e insolencias de D. Fadrique.

Só o padre Jacintho que amava ternamente a D. Fadrique defendiam-o das queixas dos outros frades.

Estes contudo ameaçavam-no a miudo com apa-

Formou-se um partido contrario, capitaneado por

Formou-se um partido contrario, capitaneado por



AS MUMIAS EGYPCIAS

ca se sentia com valor de ser espoliada senão por causa do sobrinho Fadrique, a quem como dissemos amimava em competencia com a tia Victoria.

D. Diogo andava sempre no campo, á caça ou olhando pelos trabalhos. Seus dois filhos, D. José e D. Fadrique, ficavam encarregados á tia Victoria e ao padre Jacintho, frade dominico, que era tido por muito douto na sua terra, e que lhes servia de aio ensinando-lhes as primeiras letras e o latim.

D. José era bondoso e pacato; D. Fadrique travesso como um diabo; mas D. José não conseguia fazer-se querer, e Fadrique era loucamente estimado por ambas as tias, pelo feroz D. Diogo e pelo já citado padre Jacintho, que teria apenas trinta e seis annos de idade quando ensinava a lingua de Cicero aos dois pimpolhos louços do glorioso e antigo tronco dos Lopez de Mendoza hermejos.

Emquanto o pacifico D. José ficava estudando em casa, ou ia ajudar á missa ao convento, ou empregava o tempo em outras occupaões tranquillias, D. Fadrique tinha por costume occupar-se e promover mil disturbios no povoado.

Como filho segundo da casa, D. Fadrique estava condemnado a vestir o que ficava apertado ou curto

D. Casimirito, filho do fidalgo mais rico do logar. Este partido era de muita gente; mas ficou sempre muito áquem dos fadriquenhos, não só pelas qualidades de pessoas do capitão, como pelo valor e arrojo dos soldados.

Varias vezes vieram ás mãos os dois partidos; já lutando corpo a corpo, já á pedrada, de que era theatro uma planura que fica por baixo de um sitio chamado o Retamal.

Sempre que havia um lance d'estes, D. Fadrique era o primeiro a correr ao logar do perigo; mas é certo que mal corria voz que o *capa-pomba* ia pelo Retamal abaixo, as ruas e os largos despovoavam-se dos rapazitos mais bellicosos, e todos accudiam em busca do idolatrado capitão.

Em todas estas pendencias, a victoria foi sempre para o partido de D. Fadrique. Os de D. Casimiro resistiam pouco, e punham-se n'um momento em vergonhosa debandada, mas como D. Fadrique se expunha sempre mais do que convem á prudencia de um general, resultou que duas vezes regou os louros com o seu sangue, ficando escalavrado.

Não só em batalha campal, mas em outros exercicios e travessuras de toda a especie, D. Fadrique ti-

nhal-o e mandal-o para os Toribios, e com o fazer que o proprio irmão Toribio viesse buscal-o e levá-lo.

Os frades bem sabiam que o irmão Toribio tinha morrido havia mais de vinte annos; mas a instituição creada por elle florescia, dando ao glorioso fundador uma existencia immortal e mythologica.

Já estava muito adeantado o terceiro quartel do presente seculo, ainda o irmão Toribio e os Toribios em geral eram o thema constante de todas as ameaças para infundir saudavel terror aos rapazes travessos.

Não entrava na mente de D. Fadrique a ideia da fervorosa caridade com que o irmão Toribio, para salvar e purificar as almas de quantos rapazes apanhava, martyrisava-lhes os corpos, açoitando-lhes fortemente as carnes nuas. Representava na sua imaginação o bendito irmão Toribio como um doido furioso e perverso, inimigo de si mesmo por trazer cilícios nos rins, e inimigo de todo o genero humano a quem opprimia e atormentava na idade da meninice e da mais tenra juventude, quando as almas se abrem ao amor e quando a natureza e o céu deviam sorrir em vez de dar açoites.

(Continua).

Typ. e lith. portuguezas, Calçada do Tijolo, 39 (à rua Formosa)